

Um engodo cultural

Moacir Werneck de Castro

Reclama um leitor que o que escrevi sobre grandeza e decadência de uma enciclopédia (*B Especial*, 28/8/87) “acabava de repente”. Peço licença para uma explicação. De fato houve na matéria uma certa assimetria, nascida do amor às enciclopédias que compartilho com muita gente boa, amor que me levou a dar mais ênfase à grandeza que à decadência. Além disso, houve um acidente tipográfico a que, de minha parte, já estou habituado e pelo qual fui algumas vezes na vida (não me acanho de confessar) responsável. As matérias de jornal têm seu tamanho calculado para fins de diagramação e, normalmente, tudo corre bem; mas às vezes há o imprevisto — a matéria “estoura”, como dizemos. Que fazer, com a angústia de tempo? Há que arrostar as conseqüências e proceder a uma intervenção cirúrgica. O corte costuma ser “pelo pé” — e lá sai a matéria manquitolando mas, se Deus ajuda, inteligível no essencial. Essas coisas acontecem. O profissional calejado, geralmente, suporta com estoicismo o contratempo.

Deu-se comigo que, instigado pela crítica do leitor e tendo mais alguma coisa a dizer, achei interessante voltar ao tema. Vamos lá, pois.

Escrevia eu que as enciclopédias, como as civilizações na frase de Paul Valéry, sabem que são mortais. À falta de boas revisões, feitas de tempos em tempos, elas definham e perecem. Os “Livros do Ano” operam uma atualização estatística e factual, com os eventos do ano anterior. Não suprem, porém, a necessidade da revisão periódica. É o que faz com grande criatividade a *Encyclopaedia Britannica* de Chicago. Na sua 15a. edição, de 1974, por exemplo, ela se renovou completamente, lançando a *Micropaedia* e a *Macropaedia*, sob a orientação do educador e filósofo Mortimer J. Adler, um intelectual de porte, que sucedeu a Robert M. Hutchins, a quem se ligara desde a década de 50, como presidente do *Board of Editors* da Britannica.

Mas esses luxos ficam reservados à metrópole, onde um departamento Editorial de peso, em número e em qualidade, se incube de zelar constantemente pela manutenção do nível da obra, com um lastro de mais de dois séculos de prestígio mundial.

A fundadora da *Encyclopaedia Britannica* do Brasil, Dorita Barrett de Sá, infundiu ao seu trabalho esse espírito de valorização e enriquecimento permanente do acervo cultural acumulado. No entanto, as enciclopédias que ela criou, notadamente a *Mirador*, deixaram de corresponder a esse objetivo, por culpa de uma irremediável estreiteza de vistas dos diretores que passaram a controlar a empresa.

Assim, no caso da *Mirador*, as extensas e substanciais monografias temáticas sobre ciências e artes, sobre tecnologia, sobre o desenvolvimento material e cultural da civilização contemporânea

permanecem do jeito que foram elaboradas, no começo da década de 70. Não foram mobilizados para a tarefa de uma indispensável revisão nem os próprios autores nem quaisquer outros especialistas. O que se fez foi apenas uma *guaribada* aqui e ali, para salvar as aparências. De sorte que o produto a ser vendido perdeu lamentavelmente em qualidade e atualidade. Um engodo cultural.

O fenômeno se deve não somente à carência da audácia empresarial que sobrava em Dorita Barrett. No caso houve a ocorrência de outro fator: o horror ao universo intelectual, santo horror que é próprio da mediocridade auto-suficiente. Acharam os herdeiros do espólio que bastava rolar com a barriga, na base de rituais e lugares-comuns. Em matéria de literatura de divulgação cultural, é de ver o que escrevem nos seus boletins. “O livro é um repositório reduzido e portátil do conhecimento”, sentencia um. “A doutrina da Britannica proíbe o medo e a dúvida”, pontifica outro, segundo o qual nem mesmo o “gênio napoleônico” conseguiu “solucionar o problema do egocentrismo dos marechais que dirigiam seus exércitos”...

É óbvio que o comando de um empreendimento cultural por semelhantes luminas exclui o fluxo de elaboração cultural que assegura a uma enciclopédia a permanência de seu gabarito. Não sem razão o mesmo admirador (um ex-militar argentino) do gênio napoleônico proclama como objetivo estratégico acabar com o “mito Dorita”. Dorita está sendo enterrada pela segunda vez, dizia eu. E, com ela, a matriz intelectual produtora da matéria que dá vida a uma enciclopédia digna desse nome.

E já que estamos nos domínios da cultura, quero registrar um acontecimento de especial relevância: a publicação da obra de Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso*, em tradução para o espanhol, na Biblioteca Ayacucho, de Caracas. É o 125º volume dessa famosa coleção, criada pelo governo venezuelano em 1974, em comemoração ao sesquicentenário da batalha de Ayacucho, em que as forças libertadoras sob o comando de Sucre puseram fim à guerra de independência hispano-americana.

Gilberto Freyre, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis (dois volumes), Lima Barreto, Mário de Andrade, Euclides da Cunha, Oswald de Andrade, Sílvio Romero e agora Sérgio Buarque de Holanda representam o Brasil nesse magnífico painel do pensamento da América Latina. O volume, intitulado *Visión del Paraíso — Motivos Edénicos en el Descubrimiento y Colonización del Brasil*, traz um bem documentado prólogo de Francisco de Assis Barbosa sobre a vida e a obra de Sérgio. Quando resgatarmos a nossa dívida para com a cultura da América hispânica, nesse campo em que a Biblioteca Ayacucho nos contempla com tanta dignidade e competência?

Jornal do Brasil
05.09.87